

Curso: Licenciatura em Pedagogia	Semestre letivo: 1º
Disciplina: Produção de Texto e Formação de Leitores.	Período: 2017
Carga Horária: 50 horas	

Ementa	Estudo, compreensão e utilização de diversos gêneros textuais, orais e escritos, para aperfeiçoar a competência leitora e escritora do aluno; uso do idioma materno nos estudos acadêmicos e nos usos sociais da linguagem. Desenvolvimento de competências para que o aluno possa atuar também como formador de leitores, estimulando a leitura e a escrita na escola.
Objetivos	Contribuir para o desenvolvimento da competência leitora e escritora do estudante ingressante no curso de Pedagogia. Subsidiar o estudante por meio de conteúdos e estratégias de leitura para que este possa atuar como formador de leitores.
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Noções de texto e fatores da textualidade. • Gêneros textuais – orais e escritos - e função social. • Os diferentes portadores de texto. • A importância da leitura em diferentes esferas de circulação social dos textos. • Estratégias de leitura e Mapa Conceitual. • Paragrafação: introdução, desenvolvimento, conclusão e uso de conectivos. • Argumentação e estratégias argumentativas. • Resumo e resenha.
Bibliografia Básica	<p>AZEVEDO, José Carlos de. Ensino de Português: fundamentos, percursos, objetos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2007. In: http://books.google.com.br/books?id=E4iuzsFeN_8C&printsec=frontcover&dq=o+texto+e+a+constru%C3%A7%C3%A3o+dos+sentidos&hl=pt-PT&sa=X&ei=R5cKUfWQNLK-0QG96YHgAw&ved=0CFoQ6AEwCA</p> <p>KOCH, Ingedore. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2006, 5ed.</p> <p>PLATÃO, Saviolli Francisco & FIORIN, José Luiz. Para entender o texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2008.</p> <p>SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. POA: ArtMed, 1998.</p>

<p>Bibliografia Complementar</p>	<p>FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e Coerência textuais. São Paulo: Ática, 1999. Série Princípios.</p> <p>MARCUSCHI, Luis Antonio. Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>MOISES, Massaude. A Literatura brasileira através dos textos. 29 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: Das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE11/RBDE11_03_BERNARD_E_JOAQUIM.pdf</p> <p>SIMÕES, José Ferreira. Língua Portuguesa aplicada à leitura e à produção de textos. Brasília: Academia Taguatinguense de Letras. 2007. In.: http://books.google.com.br/books?id=ieNzeC68HIUC&pg=PA47&dq=produ%C3%A7%C3%A3o+textual&hl=pt-BR&sa=X&ei=uJ4KUdiLK-HL0AG4nYHADQ&ved=0CDwQ6AEwAg#v=onepage&q=produ%C3%A7%C3%A3o%20textual&f=false</p> <p>KOCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete M. Benetti; PAVANI, Cinara Ferreira. Prática textual: atividades de leitura e escrita. Petrópolis: Vozes, 2004.</p> <p>KOCH, I; ELIAS, V.M. Ler e compreender. São Paulo: Contexto, 2006.</p>
<p>Critérios de Avaliação</p>	<p>1º bimestre: Prova Qualis – até 2,0 Avaliação escrita individual – até 6,0 Atividades e trabalhos (individual ou em grupos) – até 2,0</p> <p>Regime domiciliar: O aluno deverá selecionar exemplos de vários gêneros textuais e analisa-los quanto a tipologia textual.</p> <p>2º bimestre: Avaliação – até 6,0 Atividades e trabalhos (individual ou em grupos) – até 4,0</p> <p>Regime domiciliar: Leitura dos Contos Machadianos. O aluno deverá escolher dois contos, comparando a argumentatividade dos textos e elaborar uma resenha.</p>

Programação das aulas

1ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none">• Noções de texto e fatores de textualidade.• Proposta bimestral de leitura: “A Língua de Eulália” (Marco Bagno)
Objetivo	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar: o Plano de Ensino da disciplina; os procedimentos e critérios de avaliação; os procedimentos de acompanhamento das aulas e frequência.• Apresentar considerações sobre a noção de texto e textualidade.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none">• Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral;• Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos;• Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Analisar textos, buscando reconhecer e refletir sobre os fatores de textualidade.

2ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none">• Coesão textual e Coerência textual.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none">• Estudar os mecanismos de construção do sentido do texto: a coesão e coerência textuais.• Exercitar a análise de textos focando a coesão e coerência textuais
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none">• Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral;• Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos;• Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Leitura de diferentes textos, procurando contemplar gêneros próximos à oralidade (canções, poesias, etc) com o objetivo de reconhecer os elementos constitutivos da coesão e da coerência. Revisão gramatical dos elementos de coesão que comprometem o sentido.

3ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none">• Gêneros textuais – orais e escritos.• Função social dos textos (perspectiva do letramento)• Os diferentes portadores de texto.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none">• Estudar os Gêneros textuais – orais e escritos - e a função social destes.

	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os diferentes portadores de textos em relação à função social dos textos.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Realização de atividades que estejam focadas na classificação e identificação de diferentes gêneros textuais.

4ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Gêneros textuais – orais e escritos. • Função social dos textos. • Os diferentes portadores de texto.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Exercitar a leitura de textos de diferentes gêneros: jornalísticos: reportagem e/ou notícia, entrevistas; literários: conto, crônica, poema; do cotidiano: bulas, receitas, guias de instrução; acadêmicos/didáticos: divulgação científica, didático, verbete enciclopédico. • Identificar a função social de textos. • Identificar portadores textuais.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Os estudantes deverão trazer à aula um repertório de suportes textuais: jornais e revistas, com o objetivo de recortar variados gêneros e analisar as tipologias textuais predominantes (atividade avaliativa = 1,0 ponto)

5ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação de texto: emitir um parecer coerente sobre o lido – oralidade e escrita. • Estratégias de leitura.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Exercitar a leitura para compreensão de textos. • Interpretar textos para emitir um parecer coerente sobre o lido.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.

Atividades práticas	Sugestão de texto para leitura: “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire.
----------------------------	---

6ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Paragrafação: introdução, desenvolvimento, conclusão e uso de conectivos. • Produção de texto do gênero resumo.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os conhecimentos construídos sobre textualidade: coerência e coesão. • Exercitar a produção de textos do gênero resumo.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Atividade orientada e dialogada de construção de parágrafo.

7ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Paragrafação: introdução, desenvolvimento, conclusão e uso de conectivos. • Produção de texto do gênero resumo.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os conhecimentos construídos sobre textualidade: coerência e coesão. • Ler e analisar as produções de textos do gênero resumo dos estudantes. • Revisar os conteúdos trabalhados ao longo do 1º bimestre.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Selecionar um texto da bibliografia de qualquer disciplina do curso para que esse mesmo texto seja alvo da construção orientada de um resumo, considerando os aspectos conceituais e teóricos trabalhados sobre o gênero.

8ª Aula –

Instrumento	AVALIAÇÃO escrita para composição da nota P1.
Conteúdo	As questões da prova deverão envolver os conteúdos trabalhados até a 8ª semana de aulas, baseadas nas atividades desenvolvidas.

Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação
-------------------------------	---

9ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Devolutiva da avaliação e correção; • Estratégias de leitura • mapa conceitual • Proposta bimestral de leitura: “Contos Machadianos” - Machado de Assis.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar a correção integral da prova, pontuando as dificuldades identificadas, revisando os conteúdos trabalhados e esclarecendo as dúvidas existentes. • Estudar diferentes aspectos da leitura, levando em consideração aqueles que estão ligados às antecipações da leitura, à leitura em si e à pós-leitura. • Analisar uma proposta de atividade de leitura.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Correção das questões da prova, • Discussão com alunos sobre erros e acertos. • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos;
Observações	<p>Sugestão de Leitura:</p> <p>SME_SÃO PAULO (Cidade) Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do Ensino Fundamental /São Paulo: SME/DOT 2006. In:</p> <p>http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EnsFundMedio/CicloII/LerEscrever/Referencial_ExpectativasDesenvolvimentoCompetenciaLeitoraEscritora_CicloII.pdf</p> <p>Solicitar que os alunos façam a leitura do texto de referência da SME_SÃO PAULO, disponível gratuitamente em formato PDF.</p>
Atividades práticas	<p>Selecionar textos a partir da bibliografia do curso para a construção de um mapa conceitual que leve em consideração o referencial teórico das estratégias de leitura.</p>

10ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação de texto: emitir um parecer coerente sobre o lido – oralidade e escrita.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar aspectos da argumentação por meio de texto expositivo: gênero artigo acadêmico.

	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicar os conhecimentos construídos ao longo do primeiro bimestre na análise de textos.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Observações	Sugestão: utilizar um artigo de opinião da Revista Eletrônica Sumaré.
Atividades práticas	Realização de atividades de interpretação textual e construção de textos.

11ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • a argumentação; estratégias argumentativas.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar aspectos da argumentação por meio de texto expositivo: gênero artigo de opinião. • Aplicar os conhecimentos construídos ao longo do primeiro bimestre na análise de textos.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Observações	Sugestão: utilizar um texto da esfera jornalística, como o da coluna “Tendências e Debates”, da Folha de São Paulo.
Atividades práticas	Atividades voltadas à análise dos argumentos usados (defesa e refuta) em um texto argumentativo. Produção de textos argumentativos orais (debate) e escritos (artigos de opinião ou gêneros em que predomina a argumentação).

12ª Aula–

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação de texto: emitir um parecer coerente sobre o lido – oralidade e escrita.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar aspectos da argumentação por meio de texto narrativo: gênero Conto. • Aplicar os conhecimentos construídos ao longo do primeiro bimestre na análise de textos.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral;

	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	Sugestão: explorar a argumentação por meio do conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis.

13ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Considerações sobre o texto científico
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar o gênero resenha do gênero resumo
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	- Analisar material usado nos PPIs - a estrutura do texto científico (normas da ABNT; formatação, etc.)

14ª Aula –

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Resenha
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar o gênero resenha do gênero resumo
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral; • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Atividades (em grupo/individual): oral/escrita.
Atividades práticas	- Elaboração de resenhas

15ª Aula –

Instrumento	AVALIAÇÃO escrita para composição da nota P2.
Conteúdo	As questões da prova deverão envolver os conteúdos trabalhados da 10ª semana até a 17ª semana de aula, baseadas nas atividades desenvolvidas.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação

16ª Aula –

Conteúdo	- resgatar conteúdos importantes e que os alunos tiverem dúvidas.
Objetivo	- Revisar conteúdos do segundo bimestre.
Metodologias de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Power Point : conceituação, imagens, conteúdos sobre o tema estudado, discussão oral;

	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de fragmentos de textos, textos inteiros: interpretação e discussão dos textos; • Autoavaliação.
Observações	Autoavaliação dos alunos da construção de conhecimentos durante o semestre.

17ª Aula –

Conteúdo	Recuperação dos conteúdos trabalhados durante o semestre letivo.
Objetivo	- Revisar conteúdos da disciplina
Metodologias de ensino	- leitura de textos, análise de textos, identificação de gêneros e tipos de textos, atividades orais e escritas.
Observações	Recuperação

ANEXO 1.

TEXTO PARA ESTUDO E ANÁLISE

A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER¹

Paulo Freire

Rara tem sido a vez, ao longo de tantos anos de prática pedagógica, por isso política, em que me tenho permitido a tarefa de abrir, de inaugurar ou de encerrar encontros ou congressos.

Aceitei fazê-la agora, da maneira, porém, menos formal possível. Aceitei vir aqui para falar um pouco da importância do ato de ler.

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais

¹ • Trabalho apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, em novembro de 1981. Trata-se de uma transcrição, respeitando o que o autor produziu originalmente.

remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da "palavramundo".

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o mundo particular em que me movia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar.

Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva; Jolí, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e que era seu - "estado de espírito", o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó.

Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar.

No esforço de retomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, recrio, revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões. Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos, no tempo de minha infância. As almas penadas precisavam da escuridão ou da semi-escuridão para aparecer, das formas mais diversas - gemendo a dor de suas culpas, gargalhando zombeteiramente, pedindo orações ou indicando esconderijos de botijas. Ora, até possivelmente os meus sete anos, o bairro do Recite onde nasci era iluminado por lampiões que se perfilavam, com certa dignidade, pelas ruas. Lampiões elegantes que, ao cair da noite, se "davam" à vara mágica de seus acendedores. Eu costumava acompanhar, do portão de minha casa, de longe, a figura magra do "acendedor de lampiões" de minha rua, que vinha vindo, andar ritmado, vara iluminadora ao ombro, de lampião a lampião, dando luz à rua. Uma luz precária, mais precária do que a que tínhamos dentro de casa. Uma luz muito mais tomada pelas sombras do que iluminadora delas.

Não havia melhor clima para peraltices das almas do que aquele. Me lembro das noites em que, envolvido no meu remedo, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse, que a madrugada semiclaresada viesse trazendo com ela o canto dos passarinhos "manhecedores".

Os meus temores noturnos terminaram por me aguçar, manhãs abertas, a percepção de um sem-número de ruídos que se perdiam na claridade e na algazarra dos dias e que eram misteriosamente sublinhados no silêncio fundo das noites.

Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. Mas, é importante dizer, a "leitura" do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da "leitura" do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu, e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizada. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a "leitura" do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da "palavramundo".

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo do primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela "leitura" que dele fui fazendo. Lá, reencontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos - os jovens troncos de minha infância. Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa ou me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente, com a alegria de quem reencontra gente querida.

Continuando neste esforço de “reler” momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática, retomo o tempo em que, como aluno do chamado curso ginásial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de Língua Portuguesa.

Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada” e não realmente *lida*. Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura, incluindo a do então jovem professor José Pessoa.

Algum tempo depois, como professor também de Português, nos meus vinte anos, vivi intensamente a importância de ler e de escrever, no fundo indicotomizáveis, com os alunos das primeiras séries do então chamado curso ginásial. A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras “lições de leitura”, no sentido mais tradicional desta expressão, a que se achavam submetidos em nome de sua formação científica e de que deviam prestar contas através do famoso controle de leitura. Em algumas vezes cheguei mesmo a ler, em relações bibliográficas, indicações em torno de que páginas deste ou daquele capítulo de tal ou qual livro deveriam ser lidas: “Da página 15 à 37”.

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas. No entanto, um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, *As teses sobre Feuerbach*, de Marx, tem apenas duas páginas e meia...

Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica da magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre e seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes.

Dentro ainda do momento bastante rico de minha experiência como professor de língua portuguesa, me lembro, tão vivamente quanto se ela fosse de agora e não de um ontem bem remoto, das vezes em que demorava na análise de textos de Gilberto Freyre, de Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Jorge Amado. Textos que eu levava de casa e que ia lendo com os estudantes, sublinhando aspectos de sua sintaxe estreitamente ligados ao bom gosto de sua linguagem. Àquelas análises juntava comentários em torno de necessárias diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil.

Venho tentando deixar claro, neste trabalho em torno da importância do ato de ler – e não é demasiado repetir agora -, que meu esforço fundamental vem sendo o de explicitar como, em mim, aquela importância vem sendo destacada. É como se eu estivesse fazendo a “arqueologia” de minha compreensão do complexo ato de ler, ao longo de minha experiência existencial. Daí que tenha falado de momentos de minha infância, de minha adolescência, dos começos de minha mocidade e termine agora revendo, em traços gerais, alguns dos aspectos centrais da proposta que fiz no campo a alfabetização de adultos há alguns anos.

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.

Creio desnecessário me alongar mais, aqui e agora, sobre o que tenho desenvolvido, em diferentes momentos, a propósito da complexidade deste processo. A um ponto, porém, referido várias vezes neste texto, que gostaria de voltar, pela significação que tem para a compreensão crítica do ato de ler e, conseqüentemente, para a proposta de alfabetização a que me consagrei. Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta, implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua

experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade.

A palavra tijolo, por exemplo, se inseriria numa representação pictórica, a de um grupo de pedreiros, por exemplo, construindo uma casa. Mas, antes da devolução, em forma escrita, da palavra oral dos grupos populares, a eles, para o processo de sua apreensão e não de sua memorização mecânica, costumávamos desafiar os alfabetizando com um conjunto de situações codificadas de cuja decodificação ou "leitura" resultava a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma "leitura" da "leitura" anterior do mundo, antes da leitura palavra.

Esta "leitura" mais crítica da "leitura" anterior menos crítica do mundo possibilitava aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente de sua indignação.

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada, sobretudo, a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica.

Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e "reescrita" do lido, gostaria de dizer que, depois de hesitar um pouco, resolvi adotar o procedimento que usei no tratamento do tema, em consonância com a minha forma de ser e com o que posso fazer.

Finalmente, quero felicitar os idealizadores e os organizadores deste Congresso. Nunca, possivelmente, temos necessitado tanto de encontros como este, como agora.

Paulo Freire 12 de novembro de 1981

ANEXO 2

O ENFERMEIRO

(Machado de Assis – 1896)

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860, pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que não há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.

Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que há outras coisas interessantes, mas para isso era preciso tempo, ânimo e papel, e eu só tenho papel; o ânimo é frouxo, e o tempo assemelha-se à lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetrável como a vida. Adeus,

meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu-me um documento humano, ei-lo aqui. Não me peça também o império do Grão-Mogol, nem a fotografia dos Macabeus; peça, porém, os meus sapatos de defunto e não os dou a ninguém mais. Já sabe que foi em 1860. No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos, fiz-me teólogo — quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa. Naquele mês de agosto de 1859, recebeu ele uma carta de um vigário de certa vila do interior, perguntando se conhecia pessoa entendida, discreta e paciente, que quisesse ir servir de enfermeiro ao coronel Felisberto, mediante um bom ordenado. O padre falou-me, aceitei com ambas as mãos, estava já enfiado de copiar citações latinas e fórmulas eclesiásticas. Vim à Corte despedir-me de um irmão, e segui para a vila. Chegando à vila, tive más notícias do coronel. Era homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dois deles quebrou a cara. Respondi que não tinha medo de gente sã, menos ainda de doentes; e depois de entender-me com o vigário, que me confirmou as notícias recebidas, e me recomendou mansidão e caridade, segui para a residência do coronel. Achei-o na varanda da casa estirado numa cadeira, bufando muito. Não me recebeu mal. Começou por não dizer nada; pôs em mim dois olhos de gato que observa; depois, uma espécie de riso maligno alumiou-lhe as feições, que eram duras. Afinal, disse-me que nenhum dos enfermeiros que tivera, prestava para nada, dormiam muito, eram respondões e andavam ao faro das escravas; dois eram até gatunos!

— Você é gatuno?

— Não, senhor.

Em seguida, perguntou-me pelo nome: disse-lho e ele fez um gesto de espanto. Colombo? Não, senhor: Procópio José Gomes Valongo. Valongo? achou que não era nome de gente, e propôs chamar-me tão-somente Procópio, ao que respondi que estaria pelo que fosse de seu agrado. Conto-lhe esta particularidade, não só porque me parece pintá-lo bem, como porque a minha resposta deu de mim a melhor idéia ao coronel. Ele mesmo o declarou ao vigário, acrescentando que eu era o mais simpático dos enfermeiros que tivera. A verdade é que vivemos uma lua-de-mel de sete dias.

No oitavo dia, entrei na vida dos meus predecessores, uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injúrias, e, às vezes, rir delas, com um ar de resignação e conformidade; reparei que era um modo de lhe fazer corte.

Tudo impertinências de moléstia e do temperamento. A moléstia era um rosário delas, padecia de aneurisma, de reumatismo e de três ou quatro afecções menores. Tinha perto de sessenta anos, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião.

Não tardou a ocasião. Um dia, como lhe não desse a tempo uma fomentação, pegou da bengala e atirou-me dois ou três golpes. Não era preciso mais; despedi-me imediatamente, e fui apressar a mala. Ele foi ter comigo, ao quarto, pediu-me que ficasse, que não valia a pena zangar por uma rabugice de velho. Instou tanto que fiquei.

— Estou na dependura, Procópio, dizia-me ele à noite; não posso viver muito tempo. Estou aqui, estou na cova. Você há de ir ao meu enterro, Procópio; não o dispenso por nada. Há de ir, há de rezar ao pé da minha

sepultura. Se não for, acrescentou rindo, eu voltarei de noite para lhe puxar as pernas. Você crê em almas de outro mundo, Procópio?

— Qual o quê!

— E por que é que não há de crer, seu burro? redargüiu vivamente, arregalando os olhos.

Eram assim as pazes; imagine a guerra. Coibiu-se das bengaladas; mas as injúrias ficaram as mesmas, se não piores. Eu, com o tempo, fui calejando, e não dava mais por nada; era burro, camelo, pedaço d'asno, idiota, moleirão, era tudo. Nem, ao menos, havia mais gente que recolhesse uma parte desses nomes. Não tinha parentes; tinha um sobrinho que morreu tísico, em fins de maio ou princípios de julho, em Minas. Os amigos iam por lá às vezes aprová-lo, aplaudi-lo, e nada mais; cinco, dez minutos de visita. Restava eu; era eu sozinho para um dicionário inteiro. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigário, ia ficando. Não só as relações foram-se tornando melindrosas, mas eu estava ansioso por tornar à Corte. Aos quarenta e dois anos não é que havia de acostumar-me à reclusão constante, ao pé de um doente bravio, no interior. Para avaliar o meu isolamento, basta saber que eu nem lia os jornais; salvo alguma notícia mais importante que levavam ao coronel, eu nada sabia do resto do mundo. Entendi, portanto, voltar para a Corte, na primeira ocasião, ainda que tivesse de brigar com o vigário. Bom é dizer (visto que faço uma confissão geral) que, nada gastando e tendo guardado integralmente os ordenados, estava ansioso por vir dissipá-los aqui. Era provável que a ocasião aparecesse. O coronel estava pior, fez testamento, descompondo o tabelião, quase tanto como a mim. O trato era mais duro, os breves lapsos de sossego e brandura faziam-se raros. Já por esse tempo tinha eu perdido a escassa dose de piedade que me fazia esquecer os excessos do doente; trazia dentro de mim um fermento de ódio e aversão. No princípio de agosto resolvi definitivamente sair; o vigário e o médico, aceitando as razões, pediram-me que ficasse algum tempo mais. Concedi-lhes um mês; no fim de um mês viria embora, qualquer que fosse o estado do doente. O vigário tratou de procurar-me substituto. Vai ver o que aconteceu. Na noite de vinte e quatro de agosto, o coronel teve um acesso de raiva, atropelou-me, disse-me muito nome cru, ameaçou-me de um tiro, e acabou atirando-me um prato de mingau, que achou frio; o prato foi cair na parede, onde se fez em pedaços. — Hás de pagá-lo, ladrão! bradou ele.

Resmungou ainda muito tempo. Às onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d'Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, à pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por lançar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempo de desviar-me; a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada; atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o. Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arrebitara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. Parecia-me que as paredes tinham vultos; escutava umas vozes surdas. Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, aparecia recortado de convulsões. Não creia que esteja fazendo imagens nem estilo; digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino! Tudo o mais estava calado. O mesmo som do relógio, lento, igual e seco, sublinhava o silêncio e a solidão. Colava a orelha à porta do quarto na esperança de ouvir um gemido, uma palavra, uma injúria, qualquer coisa que significasse a vida, e me restituísse a paz à consciência. Estaria pronto a apanhar das mãos do coronel, dez, vinte, cem vezes. Mas nada, nada; tudo calado. Voltava a andar à toa na sala, sentava-me, punha as mãos na

cabeça; arrependia-me de ter vindo. — "Maldita a hora em que aceitei semelhante coisa!" exclamava. E descompunha o padre de Niterói, o médico, o vigário, os que me arranjam um lugar, e os que me pediram para ficar mais algum tempo. Agarrava-me à cumplicidade dos outros homens. Como o silêncio acabasse por aterrar-me, abri uma das janelas, para escutar o som do vento, se ventasse. Não ventava. A noite ia tranqüila, as estrelas fulguravam, com a indiferença de pessoas que tiram o chapéu a um enterro que passa, e continuam a falar de outra coisa. Encostei-me ali por algum tempo, fitando a noite, deixando-me ir a uma recapitulação da vida, a ver se descansava da dor presente. Só então posso dizer que pensei claramente no castigo. Achei-me com um crime às costas e vi a punição certa. Aqui o temor complicou o remorso. Senti que os cabelos me ficavam de pé. Minutos depois, vi três ou quatro vultos de pessoas, no terreiro espiando, com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvaíram-se no ar; era uma alucinação. Antes do alvorecer curei a contusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei; ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me; cheguei a pensar na fuga; mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico. A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope. Não saí da sala mortuária; tinha medo de que descobrissem alguma coisa. Queria ver no rosto dos outros se desconfiavam; mas não ousava fitar ninguém. Tudo me dava impaciências: os passos de ladrão com que entravam na sala, os cochichos, as cerimônias e as rezas do vigário. Vindo a hora, fechei o caixão, com as mãos trêmulas, tão trêmulas que uma pessoa, que reparou nelas, disse à outra com piedade:

— Coitado do Procópio! apesar do que padeceu, está muito sentido.

Pareceu-me ironia; estava ansioso por ver tudo acabado. Saímos à rua. A passagem da meia escuridão da casa para a claridade da rua deu-me grande abalo; receei que fosse então impossível ocultar o crime. Meti os olhos no chão, e fui andando. Quando tudo acabou, respirei. Estava em paz com os homens. Não o estava com a consciência, e as primeiras noites foram naturalmente de desassossego e aflição. Não é preciso dizer que vim logo para o Rio de Janeiro, nem que vivi aqui aterrado, embora longe do crime; não ria, falava pouco, mal comia, tinha alucinações, pesadelos...

— Deixa lá o outro que morreu, diziam-me. Não é caso para tanta melancolia.

E eu aproveitava a ilusão, fazendo muitos elogios ao morto, chamando-lhe boa criatura, impertinente, é verdade, mas um coração de ouro. E, elogiando, convencia-me também, ao menos por alguns instantes. Outro fenômeno interessante, e que talvez lhe possa aproveitar, é que, não sendo religioso, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento. Não fiz convites, não disse nada a ninguém; fui ouvi-la, sozinho, e estive de joelhos todo o tempo, persignando-me a miúdo. Dobrei a espórtula do padre, e distribuí esmolas à porta, tudo por intenção do finado. Não queria embair os homens; a prova é que fui só. Para completar este ponto, acrescentarei que nunca aludia ao coronel, que não dissesse: "Deus lhe fale n'alma!" E contava dele algumas anedotas alegres, rompantes engraçados... Sete dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, recebi a carta do vigário, que lhe mostrei, dizendo-me que fora achado o testamento do coronel, e que eu era o herdeiro universal. Imagine o meu pasmo. Pareceu-me que lia mal, fui a meu irmão, fui aos amigos; todos leram a mesma coisa. Estava escrito; era eu o herdeiro universal do coronel. Cheguei a supor que fosse uma cilada; mas adverti logo que havia outros meios de capturar-me, se o crime estivesse

descoberto. Demais, eu conhecia a probidade do vigário, que não se prestaria a ser instrumento. Reli a carta, cinco, dez, muitas vezes; lá estava a notícia.

— Quanto tinha ele? perguntava-me meu irmão.

— Não sei, mas era rico.

— Realmente, provou que era teu amigo.

— Era... Era...

Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio; era pior do que fazer-me esbirro alugado. Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma coisa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. Não era só escrúpulo; era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas. Preparei-me e segui para a vila. Em caminho, à proporção que me ia aproximando, recordava o triste sucesso; as cercanias da vila tinham um aspecto de tragédia, e a sombra do coronel parecia-me surgir de cada lado. A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime... Crime ou luta? Realmente, foi uma luta, em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa ideia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da moléstia, que o tornava assim rabugento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... Considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele mesmo o sentia e dizia. Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer contínuo do pobre homem... E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nessa ideia...

Perto da vila apertou-se me o coração, e quis recuar; mas dominei-me e fui. Receberam-me com parabéns. O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.

— Sem dúvida, dizia eu olhando para outra parte.

Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciência. As primeiras necessidades do inventário detiveram-me algum tempo na vila. Constituí advogado; as coisas correram placidamente. Durante esse tempo, falava muita vez do coronel. Vinham contar-me coisas dele, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...

— Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.

E referiam-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu sinceramente buscava expelir. E defendia o coronel, explicava-o, atribuía alguma coisa às rivalidades locais; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos, o coletor, o boticário, o escrivão, todos diziam a mesma coisa; e vinham outras anedotas, vinha toda a vida do defunto. Os velhos lembravam-se das crueldades dele, em menino. E o prazer íntimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie de ténia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços recompunha-se logo e ia ficando. As obrigações do inventário distraíram-me; e por outro lado a opinião da vila era tão contrária ao coronel, que a vista dos lugares foi perdendo para mim a feição tenebrosa que a princípio achei neles. Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos

meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação. Restringi o plano primitivo; distribuí alguma coisa aos pobres, dei à matriz da vila uns paramentos novos, fiz uma esmola à Santa Casa da Misericórdia, etc.: ao todo trinta e dois contos. Mande também levantar um túmulo ao coronel, todo de mármore, obra de um napolitano, que aqui esteve até 1866, e foi morrer, creio eu, no Paraguai.

Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...

Adeus, meu caro senhor. Se achar que esses apontamentos valem alguma coisa, pague-me também com um túmulo de mármore, ao qual dará por epitáfio esta emenda que faço aqui ao divino sermão da montanha: "Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados".

Texto-fonte:

Obra Completa, Machado de Assis, vol. II,

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Publicado originalmente por Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro em 1896.
